

As cercas sertanejas

O estudo de Souza Barros sobre as cercas sertanejas possui o inestimável merecimento de examinar um aspecto etnográfico da região de expressão originalíssima.

As cercas do sertão pernambucano, como em geral as de qualquer região pastoril ou agrícola, nunca foram objeto, creio eu, de uma análise semelhante.

A sua exposição examina-as à luz de mais de um atributo, ou seja, como elemento de limitação para domínios fechados, como simples balizamento de fronteira entre propriedades, como aparelho de defesa para a terra lavrada e cultivada, como um “fácies” das condições mesológicas dos povoados da região, como aspecto estético e arquitetônico, etc. Classifica os vários tipos de cercas, examina detalhadamente os materiais nelas empregados, a sua utilização, a sua duração, o seu custo...

Muito embora o seu trabalho apresente ainda algumas lacunas, não se pode negar que é rico de informações e de observações úteis para o conhecimento da ecologia regional, e as omissões se justificam, tratando-se de um assunto ainda virgem e original. Estão faltando, por exemplo, ao seu trabalho explicações, de certo modo, indispensáveis, a respeito das cercas de um ponto de vista universal, uma vez que omite certas propriedades como, no caso da cerca de avelós, a de ter fisionomia semelhante à de pitangueira, do litoral, e à de buxo, européia, podendo ser cortada e simetrizada; ou deixa de acentuar, por outro lado, quando trata do aspecto arquitetônico das cercas, certas características, sobretudo a paisagística.

O núcleo fundamental das suas pesquisas, entretanto, é a relação que existe entre as cercas e um grupo social sujeito às grandes distâncias, chegando mesmo a sugerir, quase poeticamente, que a própria grande distância deserta é uma cerca.

Nas regiões que se ermaram pelas condições geográficas, climatéricas ou geológicas, como o sertão nordestino, assume particular importância a relação entre o homem e a vizinhança do homem ou do animal, entre o homem e o número, daí a cerca surgir como instrumento e como símbolo de separação e igualdade; nessas grandes extensões a significação da cerca ou, dizendo melhor, do fechamento, da isolamento, assume caráter específico muito diverso do das regiões mais populosas e prósperas.

Souza Barros examina também o problema das cercas sob esse aspecto menos descritivo e mais geral, começa mesmo por ele o seu estudo. Analisa assim a operação de “partamento” do gado como base e início do “curral”, como possível e conseqüente motivo da instalação da cerca. O fato de observar este fenômeno – que poderíamos chamar “interno” da separação – pois se obtém simplesmente pela junção do gado que se deseja apartar – já esclarece de modo definitivo a origem topológica da cerca muito antes da sua expressão topográfica. Sobre o seu aspecto arquitetônico o autor se refere muito sumariamente, mas ainda assim salienta o sentido estético que presidiu à construção de algumas delas, como as de pedra seca, as de avelós, as de faxinas ou varas; as primeiras estão fortemente associadas aos muros, aos muros de vedação das propriedades suburbanas e apresentam certos detalhes que deveriam ser mais largamente documentados com fotografias; as segundas possuem um caráter paisagístico indiscutível que poderá ser em qualquer tempo de utilização necessária no desmembramento, ou remembramento, da propriedade fundiária, em suas relações de atividades agrícola ou pastoril; as últimas, com o emprego dos ramos finos e retorcidos das árvores xerófilas do sertão, exibem um trançado “sui-generis” e dão a impressão de um espécime de espartaria gigantesca. Sobre este aspecto das cercas, que está incluído na arquitetura dos jardins, muito pouco se tem falado.

O trabalho de Souza Barros são páginas de micro-sociologia, e como muitos outros dessa espécie, nem sempre julgados com o apreço que eles merecem, muito embora nos dias que correm não mais se discuta o valor da micro-história, e todos conheçam a extraordinária importância da micro-física.

A monografia termina com um anedotário sobre cercas, e a sua relação com a vizinhança e a distância; numa delas, um sertanejo define de maneira intuitiva o espaço social, espaço em que a distância não se mede pelo quilômetro, mas pela quantidade de energia locomotora, e ainda, em que a distância varia de grandeza com o sentido em que se mede, tornando assim real uma noção já existente na teoria dos espaços abstratos.

1959